

HERMISTEN MAIA PEREIRA DA COSTA

INTRODUÇÃO À HOMILÉTICA

KÉRYX – SEMINÁRIO TEOLÓGICO



SUMÁRIO

1. A necessidade da exegese.....	05
1.1. Definição.....	05
1.2. Pressupostos.....	05
1.3. Aspectos da exegese	05
1.3.1. Texto.....	05
1.3.2. Contexto	06
1.4. Uma técnica exegética	06
1.5. O uso de comentários.....	07
2. Homilética	09
2.1. Definição.....	09
2.2. A relação entre a retórica e a homilética	09
3. Requisitos essenciais à pregação eficiente	10
3.1. Dotes naturais	10
3.2. Cultura geral	10
3.3. Habilidade.....	11
3.4. Piedade.....	11
4. Requisitos fundamentais ao sermão	13
4.1. Características de uma boa estrutura	13
4.1.1. Ponto	13
4.1.2. Unidade.....	13
4.1.3. Ordem	13
4.1.4. Proporção	13
4.1.5. Movimento.....	13
4.1.6. Fidelidade textual.....	14
4.1.7. Elemento didático	14
5. Algumas observações sobre o sermão	15
5.1. O sermão como uma carta viva.....	15
5.2. O sermão como algo prático	15
5.3. O sermão e sua maturação	16
6. O texto do sermão.....	19

6.1. A necessidade de um texto bíblico	19
6.2. Critério para a escolha do texto bíblico	19
6.2.1. Aproveite as datas comemorativas e o calendário cristão.....	19
6.2.2. Seja sensível aos problemas atuais.....	19
6.2.3. Use sempre texto da Bíblia.....	19
6.2.4. Deve expressar a Palavra de Deus.....	19
6.2.5. Dê preferência a textos positivos	20
6.2.6. Use preferencialmente um só texto em cada sermão	20
6.2.7. Use um texto que tenha um sentido claro	20
6.2.8. Não evite um texto pelo simples fato dele ser muito conhecido.....	20
6.2.9. Evite textos muito extensos ou muito curtos.....	20
6.2.10. Evite alegorias na interpretação do texto	20
6.2.11. Não abandone um texto simplesmente porque encontrou dificuldades.....	21
6.2.12. Não faça um tratado teológico a partir do texto.....	21
7. O sermão	23
7.1. Classificação dos sermões	23
7.1.1. Sermão temático ou tópico.....	23
7.1.1.1. Vantagens do sermão temático ou tópico.....	23
7.1.1.2. Perigos no uso do sermão temático ou tópico.....	23
7.1.1.3. Cuidados na confecção do sermão temático ou tópico	23
7.1.2. Sermão textual	24
7.1.3. Sermão expositivo	24
7.1.3.1. Suas limitações.....	24
7.1.3.2. Suas vantagens	25
7.1.3.3. Suas exigências	25
7.2. Partes constitutivas do sermão.....	25
7.2.1. Introdução.....	25
7.2.1.1. Objetivos da introdução	25
7.2.1.2. Tipos de introdução	26
7.2.1.3. Requisitos da introdução	26
7.2.2. A narração ou explicação	27
7.2.2.1. Tipos de narração	27
7.2.2.2. O que deve ser evitado	28
7.2.3. Tema ou proposição	29
7.2.3.1. Definição de tema.....	29

7.2.3.2. Diferença entre título e tema	29
7.2.3.3. Valor do tema	29
7.2.3.4. Forma	29
7.2.3.5. O que evitar	30
7.2.4. Argumentação	30
7.2.4.1. Preceitos quanto à matéria.....	30
7.2.4.2. Preceitos quanto à forma	31
7.2.5. Conclusão	32
7.2.5.1. Espécies	32
7.2.5.2. Preceitos	33
7.2.5.3. Cuidados a tomar.....	34
7.3. Razões para preparar o manuscrito dos sermões	34
7.3.1. Escrever um manuscrito encurta o seu tempo de preparação.....	35
7.3.2. Escrever um manuscrito ajuda a encontrar as palavras certas	35
7.3.3. Escrever um manuscrito é útil para que o sermão seja harmonioso.....	35
7.3.4. Escrever um manuscrito é útil para manter o registro de sermões ministrados ..	35
7.3.5. Observação importante.....	36
8. Bons hábitos na pregação	37
9. Conselhos aos pregadores.....	38

1- A NECESSIDADE DA EXEGESE

1.1. Definição

A palavra “exegese” significa extrair a mensagem do texto. Portanto, a função da exegese bíblica é, humanamente falando, trazer à luz a mensagem da parte de Deus conforme registrada nas Escrituras.

Deste modo, a “exegese” é oposta à “eisegese”, atitude que consiste em tentar fazer o texto dizer o que queremos, torcer as evidências em favor de nossas concepções previamente dogmatizadas. Temos que ser cuidadosos quando estudamos as Escrituras para não suceder que elaboremos um sistema de doutrina baseado num texto ou numa compreensão errônea de um texto.

Quando nos aproximamos do texto Sagrado devemos fazê-lo com espírito submisso, buscando entender o que a passagem nos diz e qual o seu significado. Os nossos princípios teológicos devem ser derivados dos fatos bíblicos não de nossa mente.

A exegese é, portanto, a “ciência da interpretação”, sendo uma disciplina fundamental para a Teologia Bíblica, assim como esta o é para a Teologia Sistemática.

1.2. Pressupostos

A exegese bíblica parte de dois princípios fundamentais:

- 1- O pensamento pode ser expresso adequadamente através das palavras, tendo cada uma delas, no original, o seu sentido específico;
- 2- A mensagem das Escrituras é de tal relevância para o homem, que devemos nos assegurar de entender correta e profundamente o que Deus quis nos ensinar através de Sua Palavra.

1.3. Aspectos da exegese

1.3.1. Texto

O primeiro passo é escolher o texto, determinar a sua extensão e confirmar a sua integridade através de suas variantes textuais. Nós pregamos a Palavra de Deus; portanto, devemos estar certos daquilo que pregamos.

A extensão do texto deve ser determinada pela sua especificidade; devemos ter em mente o assunto tratado, que pode estar em um capítulo ou em alguns versículos que não estejam necessariamente limitados a um capítulo. As divisões dos capítulos e versículos, não são inspiradas, portanto ainda que sejam geralmente boas não são infalíveis. No entanto, é importante que tenhamos como princípio tomar capítulos inteiros para a nossa análise, para que não incorramos no perigo de esquecer o contexto.

1.3.2. Contexto

Os textos bíblicos não são fragmentos isolados; eles ocorrem dentro de um contexto histórico, estando integrado com o que foi registrado antes e depois. Portanto, analise o contexto, leia os capítulos anteriores e posteriores, examine as referências paralelas, as introduções, resumos, consulte os aspectos históricos, geográficos e culturais. Reflita sobre o contexto bíblico e teológico. Para que possamos fazer uma exegese correta, é imprescindível interpretar o texto dentro de seu contexto. Se este aspecto é negligenciado, a interpretação torna-se arbitrária.

Analise também os substantivos, adjetivos, verbos, a ênfase do texto na ordem que se apresenta. Faça perguntas ao texto: Quando aconteceu? Quem fez acontecer? Por que aconteceu? Quem? Quando? Por quê? Que mais aconteceu? Em que lugar? Sob quais circunstâncias? Quais as razões? Qual a ênfase do autor, suas proposições principais e conceitos? Quais as implicações disso? Tome uma afirmação do texto e indague o seu por que.

Tome as palavras chaves e analise a sua etimologia e composição; as estude dentro do texto. Usando uma concordância, veja também como elas são empregadas no livro analisado e em toda a Escritura. Compare as palavras com sinônimos, veja as diferenças e peculiaridades.

Após você estudar as diversas proposições do texto, reúna-as e, aí você terá o tema da passagem bíblica. Este é um ponto fundamental: descobrir sobre o que o texto fala e o que quer dizer. Certamente ele diz muitas coisas, sobre as quais inclusive você pode pregar, mas, a questão primeira, no entanto é: qual a mensagem central do texto? O que ele nos ensina objetivamente?

1.4. Uma técnica exegética

A exegese tem seus princípios gerais que devem ser observados, no entanto cada um, conforme a sua experiência, irá desenvolver as suas próprias técnicas, o seu próprio modo,

sem, obviamente, perder de vista o seu objetivo que é o de compreender a mensagem contida no texto. Aqui temos uma sugestão:

- 1- **Localize o texto:** Nem excessivamente pequeno (poderia esquecer o contexto), nem excessivamente grande (correria o risco de não o expôs especificamente).
- 2- **Faça a sua tradução e compare com outras:** Na impossibilidade de fazer a tradução do original, compare a tradução que você usa com outras disponíveis: NVI, ARA, ARC, Jerusalém.
- 3- **Reflita sobre o contexto:** Pense a respeito do contexto gramatical em sua relação com o contexto histórico do livro. Por que o autor escreveu? Leia uma introdução ao livro que fale do propósito do mesmo e de suas circunstâncias. Reflita sobre o contexto histórico, geográfico, social e político.
- 4- **Releia o texto hebraico ou grego:** Tente compreender o argumento teológico e gramatical do contexto através do texto, identificando os verbos principais e as palavras chaves.
- 5- **Inicie o estudo gramatical e sintático dos verbos e palavras chaves destacadas acima.**
- 6- **Examine as variantes textuais através dos aparatos críticos.**
- 7- **Estude o significado das palavras.**
- 8- **Formule o tema:** Qual é a idéia principal do texto? (Este é o tema).
- 9- **Elabore a proposição:** Qual é a mensagem de Deus? (Esta é a proposição).
- 10- **Pense nas implicações da mensagem para os nossos dias.**
- 11- **Consulte comentários:** Os comentários vêm sempre depois de um árduo trabalho; nunca devemos começar por eles.

1.5. O uso de comentários

- 1- **Os comentários são importantes, mas não essenciais:** Você deve lê-los para comparar as suas conclusões e, quem sabe, acrescentar algo e reavaliar o seu ponto.
- 2- **Elabore você mesmo o seu primeiro texto:** Insisto, os comentários devem servir como consulta a posterior.

- 3- **Não tente usar muitos comentários:** Três ou quatro sobre um livro são suficientes.
- 4- **Use bons comentários:** Dê preferência àqueles que fazem uma abordagem histórico-gramatical. Não gaste dinheiro e tempo com comentários devocionais e homiléticos. Ler sermões pode ser uma coisa agradável e gratificante; contudo, lembre-se de que sermões não são comentários. Os ‘comentários homiléticos’, que apresentam planos de sermões já prontos, podem ser úteis para o pregador leigo, mas não devem ter lugar na estante do indivíduo com preparo num seminário. Um ministro instruído necessita de um ou dois comentários exegéticos de cada um dos livros mais importantes da Bíblia, bem como outros livros de valor que mostrem o significado das Sagradas Escrituras.
- 5- **Evite dois extremos: Aceitar acriticamente as conclusões dos comentários ou chegar a suas conclusões sem examinar nenhum comentário:** Lembremo-nos sempre, que cabe a nós submeter o nosso juízo e entendimento à verdade de Deus conforme testemunhada pelo Espírito. Sem o Espírito, todo o nosso trabalho “exegético” será em vão. A genuína exegese tem como pré-requisito fundamental à oração e o espírito de dependência de Deus.

2- HOMILÉTICA

Em termos de aprendizado, o púlpito é o ponto principal de contato entre a instituição de ensino e a Igreja. No entanto, precisamos estar atentos para não confundir a sala de aula com o púlpito. A exegese visa nos habilitar dentro dos recursos metodológicos, a compreender o texto a fim de podermos transmiti-lo de forma fidedigna. Isto nos conduz à outra disciplina, a Homilética.

2.1. Definição

A palavra “homilética”, significa “conversar com”, “falar”. A homilética é a ciência da qual a arte é a pregação e cujo produto é o sermão. Homilética é a ciência que ensina os princípios fundamentais de discursos em público, aplicados na proclamação e ensino da verdade divina em reuniões regulares congregadas para o culto divino. É a ciência que trata da análise, classificação, preparação, composição e entrega de sermões.

Sem dúvida, a homilética é uma arte – já que exige força criativa –, que consiste na aplicação e adaptação dos princípios gerais da retórica à elaboração e transmissão do sermão. Assim sendo, podemos chamar a homilética de “retórica sagrada”. Retórica (eloquência) é a arte de falar bem, visando a instrução e principalmente a persuasão. O objetivo da retórica é convencer e, o instrumento de que dispõe é a palavra.

2.2. A relação entre a retórica e a homilética

A homilética se propõe a utilizar alguns dos recursos da retórica para a transmissão da Palavra de Deus; desta forma, podemos dizer que a retórica é o gênero e a homilética é a espécie.

Se a retórica visa convencer o homem quanto a qualquer tema; a homilética, diferentemente, procura oferecer recursos para que possamos convencer – humanamente falando –, **o homem quanto à necessidade de arrependimento e fé em Jesus Cristo.**

Não é a engenhosidade de nossos métodos, nem as técnicas de nosso ministério, nem a perspicácia de nossos sermões que trazem poder ao nosso testemunho. É a obediência a um Deus santo e a fidelidade ao seu justo padrão em nosso viver diário. A preparação da pregação deve ser o dever primordial do pastor.

3- REQUISITOS ESSENCIAIS À PREGAÇÃO EFICIENTE

3.1. Dotes naturais

Deus chama os Seus servos e os capacita para a tarefa que eles terão de realizar. A pregação da Palavra exige dotes “naturais” como clareza de raciocínio, fluência, dicção clara, sensibilidade. Estes dotes podem e devem ser melhorados ou desenvolvidos. Não é suficiente que uma pessoa seja eminente no conhecimento profundo, se não é acompanhada do talento para ensinar.

No entanto, deve ser dito que se nós fomos chamados por Deus é porque Ele deseja falar ao povo através de nós; portanto, não tentemos ser outra pessoa; Deus nos usa, com nossas características e limitações na transmissão da Sua Palavra.

3.2. Cultura geral

O ministério é uma ‘profissão erudita’; e o homem sem conhecimento é desqualificado para estes deveres independentemente dos outros talentos que possa ter.

O Pregador deve procurar estar atualizado, ler jornais e revistas, assistir o noticiário da TV, procurando estar em dia com os acontecimentos do seu tempo.

Ao mesmo tempo, é imprescindível ao pregador o gosto pela leitura, quer clássica quer contemporânea, a fim de que possa ter melhores condições de ilustrar a sua mensagem, adquirir um raciocínio mais eficiente, ter enfim melhores recursos no convívio social e na transmissão da mensagem.

O pregador deve utilizar-se dos seus dotes naturais e, também, buscar outros recursos – concedidos pela sabedoria de Deus graciosamente demonstrada no mundo – que possam ser-lhe úteis.

Deste modo, podemos perceber que a pregação não é algo simples. Se quisermos ser pregadores fiéis e, portanto, relevantes, devemos nos dedicar com afincamento ao estudo sério e sistemático. Não há lugar para a preguiça no ministério, ainda mais na pregação da Palavra. Os que não assumirem o compromisso de dedicar-se com esforço à pregação devem ficar longo do púlpito.

São poucos os que se preocupam em ser bem informados e bem preparados para a realização progressista da obra. Alguns não têm prazer nenhum em seus estudos, tomando

para isso uma hora aqui, uma hora ali, e ainda como uma tarefa não bem-vinda, que são forçados a fazer. Alegram-se quando podem escapar desse jugo.

Na verdade, quantas coisas há, que o ministro tem que compreender! Quão defeituoso é ignorá-las! Quanto perdemos, quando não utilizamos esse conhecimento em nosso ministério! Muitos ministros só estudam o bastante para o preparo dos seus sermões e pouca coisa mais. Todavia existem muitos livros que podem ser lidos e muitos assuntos com os quais podemos familiarizar-nos.

Mesmo em nossos sermões, muitas vezes negligenciamos estudar mais do que apenas reunir uns poucos dados, e deixamos de ir mais fundo, para ver como poderemos fazer que essas questões invadam os corações de outras pessoas. Devemos estudar as maneiras de persuadir os outros, de conquistar-lhes o íntimo e de expor a verdade ao vivo – e não a deixar no ar. A experiência nos diz que não podemos ser cultos ou sábios sem estudo árduo, sem trabalho incansável e sem exercício constante.

No entanto, a leitura não é apenas uma colagem de informações e interpretações. Os bons livros não valem só pelo que encerram, mais ainda pelo que sugerem. O universo da leitura não está restrito ao conteúdo do lido, mas, também, às idéias que dela procedem, quer sugeridas pelo escritor, quer fruto da imaginação daquele que o lê; o texto escrito, dentro de suas variadas interpretações perde a sua identidade autoral para ter agora coautores que deles se valem na busca da compreensão do escrito e vivido.

Como o nome já diz em sua origem latina, o “leitor” é aquele que percorre a vista e ao mesmo tempo, interpreta o que está escrito. O leitor é aquele que interpreta, colhendo de forma seletiva as informações e juízos.

Deste modo, podemos perceber que a pregação não é algo simples. Se quisermos ser pregadores fiéis e, portanto, relevantes, devemos nos dedicar com afinco ao estudo sério e sistemático.

3.3. Habilidade

Saber escolher a disposição do material. Isto exige treino: Ouvir bons pregadores, ler sermões, praticar e praticar. Aprender sem praticar é o mesmo que arar e não semear. A prática da pregação é na realidade o ato de arar e semear ao mesmo tempo.

3.4. Piedade

Não se requer de um pastor apenas cultura, mas também inabalável fidelidade pela sã doutrina, a ponto de jamais apartar-se dela.

Em I Timóteo 4:8, vemos que a piedade é essencial à pregação eficiente. A mensagem deve ser pregada para si mesmo; os ideais propostos devem se tornar os nossos ideais. A técnica e a homilética não devem nos conduzir a negligenciar a piedade. O sermão não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas, como um instrumento de Deus para a transmissão da Sua graça, para produzir fé nos Seus escolhidos (Romanos 10:17; Tiago 1:18; I Pedro 1:23).

O ministro do Evangelho é um homem que está sempre lutando em duas frentes. Primeiro ele tem que concitar as pessoas a se interessarem por doutrina e pela teologia, todavia não demorará muito nisso antes de perceber que terá que abrir uma segunda frente e dizer às pessoas que não é suficiente interessar-se somente por doutrinas e teologia, que você corre o perigo de se tornar um mero intelectualista ortodoxo e de ir ficando negligente quanto à sua vida espiritual e quanto à vida da Igreja. Este é o perigo que assedia os que sustentam a posição reformada. Essas são as únicas pessoas realmente interessadas em teologia, pelo que o diabo vem a eles e os impele para demasiado longe na linha desse interesse, e eles tendem a tornar-se meros teólogos e só intelectualmente interessados na verdade.

4- REQUISITOS FUNDAMENTAIS AO SERMÃO

O sermão antes de ser elaborado deve ter uma estrutura em nossa mente. A estrutura é como uma planta na construção de um edifício. No entanto a estrutura sozinha de nada adianta, é preciso ser preenchida.

4.1. Características de uma boa estrutura

4.1.1. Ponto – Todo sermão deve seguir em torno de uma idéia central a qual serve de tese para ser demonstrada ou como pressuposto que é aceito, não precisando de demonstração. O ponto exerce uma força centrípeta que atrai todos os argumentos para si. Contudo, lembremo-nos sempre de que o texto é que nos conduz não um tema. Esse ponto deve ser deixado claro na mente de nossos ouvintes. Após o sermão, ainda que eles não se lembrem de tudo que falamos, saibam sobre o quê falamos e o quê sustentamos.

4.1.2. Unidade – A unidade decorrente do texto, consiste na relação estabelecida entre as partes e o todo: Subordinar as idéias secundárias às primárias, apontando sempre para uma meta. Neste processo, precisamos omitir algumas coisas desnecessárias no momento, a fim de ressaltar a verdade focalizada. Assim, pregar não significa dizer tudo que sabemos a respeito do texto ou citar todos os textos da Bíblia que confirme o que estamos dizendo, mas, ordenar as idéias de forma coerente e organizar o material de que dispomos de forma seletiva. Para tanto precisamos de uma proposição específica para a qual o sermão caminha firmemente.

4.1.3. Ordem – A pregação exige clareza e coordenação a fim de sermos bem compreendidos. A falta de ordem gera obscuridade. A boa ordem exige a ligação entre as idéias a fim de que uma puxe a outra e cada uma delas, pressuponha a anterior. Esta disposição ordenada, caminha para um clímax, para o maior impacto, o coroamento da mensagem.

4.1.4. Proporção – O sermão não deve ter uma ênfase exagerada num determinado argumento em prejuízo dos demais. Cada argumento deve ter o tempo necessário conforme a relevância dele para o seu sermão, a fim que não haja desproporção.

4.1.5. Movimento – O sermão deve ter idéias coordenadas que estão a caminho de uma conclusão: Isto nós chamamos de movimento. Ele tem uma meta definida e nada deverá fazer com que ele se desvie da sua rota. Um sermão é uma tarefa com uma visão de seu

objetivo; um sermão sem objetivo é apenas um aglomerado de palavras e conceitos isolados. A vivacidade deste movimento, deste progresso no sermão é de grande importância para manter o auditório atento.

4.1.6. Fidelidade textual – O pregador proclama a Palavra de Deus. Para que isto seja feito com fidelidade, é necessária uma interpretação cuidadosa do texto Bíblico, considerando o seu contexto, uma exegese bem-feita, a fim de que ensinemos com fidelidade o que o texto diz. Para ser positiva, a pregação deve ser uma explicação da Escritura. Aquele que deseja pregar deve estudar mui atentamente seu texto. Em vez de atenção, seria melhor dizer ‘zelo’, ou seja, esforço de aplicação para descobrir o que se diz neste texto que está aí diante de seus olhos. Para isso é necessário um trabalho exegético, científico. A teologia deve estar sempre a este serviço: aprender e ensinar. Enquanto não aprendermos a aprender, não poderemos ser teólogos! O teólogo tem paixão por ensinar, mas a sua paixão primeira e prioritária deve ser a de ouvir a voz de Deus nas Escrituras. O Verbo de Deus nas Escrituras é sempre criador; Deus fala através da Sua Palavra, portanto, o trabalho do teólogo é procurar ouvir a voz de Deus e proclamá-la com fidelidade.

4.1.7. Elemento didático – O sermão não é ensaio literário, nem preleção sobre um tema qualquer. O sermão parte da Palavra de Deus, de onde deriva o seu tema e o seu conteúdo, visando sempre ensinar os seus ouvintes e ao mesmo tempo, levá-los a assumir uma posição diante do que ouviram. O ensino é fundamental no sermão. A missão da Igreja é ensinar a Palavra (Mateus 28:19-20). Portanto, a incapacidade de pregar de modo expositivo e didático é indesculpável.

Todo sermão é doutrinário; a questão é: a doutrina que pregamos é bíblica? O ensino que transmitimos em nossos sermões deve provir do ensino bíblico. A igreja deve ser estimulada a aprender a Palavra; e o sermão é um meio para isso. Portanto, devemos sempre desafiar os crentes a trazerem consigo seus cérebros para a Igreja. No culto e na pregação não exercitamos apenas nossas emoções; mas, também as nossas mentes, que devem ser iluminadas e instruídas pelo Espírito através da Palavra.

5- ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O SERMÃO

5.1. O sermão como uma carta viva

O sermão não é uma mensagem impessoal a seres impessoais, antes é a Palavra de Deus transmitida através de homens a uma determinada comunidade, que vive dentro da concretude histórica de seu tempo. Na pregação estamos compartilhando a Palavra de Deus com pessoas que comungam conosco a mesma fé ou, que são desafiadas a fazê-lo em Cristo.

Não podemos fazer de nosso púlpito uma arma para disparar tiros certos contra pessoas específicas; antes, transmitimos a Palavra que, pelo Espírito, é poderosa para converter, corrigir, transformar e edificar.

A nossa mensagem não se caracteriza pela tentativa de dizer ao povo o que ele quer ouvir, mas sim, em responder as suas indagações espirituais mais profundas que, no conviver diário da fé, podemos auscultar. O sermão deve estar atento às necessidades de nossos ouvintes. Qualquer que seja o seu método, o homem prudente começará com alguma necessidade humana e tentará ir ao encontro dela com a verdade divina.

5.2. O sermão como algo prático

Não há nada mais edificante e prático do que a Verdade de Deus! Quando substituímos a pregação da Palavra por algo mais “prático”, estamos rejeitando o método estabelecido por Deus para a conversão e edificação de vidas. A pregação não é um exercício de oratória para o pregador, mas um elemento essencial no crescimento espiritual do Corpo de Cristo.

O escritor da Epístola aos Hebreus declara que “...**A Palavra de Deus é viva e eficaz**” (Hebreus 4:12). Ela não é uma verdade morta, que desperta curiosidade apenas por fazer parte do ossuário, das relíquias, da arqueologia ou da historiografia, sendo estudada unicamente como um exercício de reflexão histórica para a nossa mera curiosidade, ou, quem sabe, para entendermos como viviam os povos na Antigüidade... Não, a Palavra de Deus é uma verdade viva, que tem a mesma vivacidade de quando foi revelada por Deus aos seus servos, que a registraram inspirados pelo Espírito Santo. Ela continua com a mesma eficácia para os questionamentos existenciais do homem moderno. Muitas vezes, o problema de nós, cristãos, é que, sem percebermos, trocamos os preceitos da Bíblia por conselhos de revistas, por

modismos veiculados pelos meios de comunicação; substituímos a Bíblia pela psicologia, filosofia, sociologia, antropologia e até mesmo, astrologia, colocando-as como o nosso parâmetro de comportamento, em detrimento da inerrante, infalível Palavra de Deus, que é a verdade verdadeira, viva e eficaz de Deus para nós. Isto tudo nós fazemos, em nome de uma suposta “prática”, esquecendo-nos de que toda e cada parte do ensino bíblico é urgente e necessariamente prática, relevante para nós.

Quando adotamos esta “prática” destoante das Escrituras, cometemos uma total inversão de valores: Assimilamos os conceitos humanos que, quando corretos, nada acrescentam à Palavra, mas que, na realidade, na maioria das vezes, estão totalmente equivocados, porque desconhecem a dimensão do eterno, os valores celestiais para a nossa vida aqui e agora e, por isso mesmo, apresentam ensinamentos mundanos, frutos de uma geração corrompida. Tais conceitos assumem na vida da Igreja um papel orientador! A Igreja, ao contrário disso, é chamada a ser uma antítese ativa contra os valores deste século; ela é convocada a viver a Palavra, a considerá-la como de fato é, a Palavra infalivelmente viva e eficaz para a nossa vida: A Palavra final de Deus para a nossa existência terrena.

A Bíblia não é um livro teórico, com regras ultrapassadas, circunscritas a épocas e culturas; antes, ela é um livro prático, que traz princípios preventivos e profiláticos para todos os problemas antigos, modernos e futuros. O problema é que, na história da humanidade, nenhum povo observou fielmente os mandamentos de Deus. Contudo, podemos notar que aqueles que, ainda que por um pouco de tempo da sua história, procuraram moldar a sua prática pela Palavra de Deus, colheram os frutos das promessas divinas, guardados para aqueles que Lhe obedecem.

A Lei de Deus continua sendo o princípio norteador de toda a vida cristã; Deus continua ordenando que nós não adulteremos, não roubemos, não matemos, que honremos os nossos pais, que O adoremos com exclusividade... Por isso é que entre todas as filosofias de vida, a única que nos orientará seguramente para agradá-Lo tem de ser aquela ensinada na Bíblia.

Se queremos ser práticos (aliás, devemos!), preguemos a Palavra com ardor e fidelidade! Não há nada de que o ser humano mais necessite.

5.3. O sermão e sua maturação

Todo e qualquer intérprete deve preparar mensagens de maneira inteiramente pessoal. Mas deveria estabelecer uma regra sem exceções: ‘começa, prossegue e termina com oração.

Se por um lado não podemos estabelecer uma regra fixa e inflexível para o começo de cada sermão, podemos dizer que todo ele deve passar por um processo de maturação. Sabemos que precisamos orar, estudar e refletir. Acompanhando tudo isso, necessitamos de horas e dias – o que na realidade muitas vezes nos faltam. A questão não é simplesmente gastar horas com o sermão – o que sem dúvida é fundamental –, mas, se possível, começar a prepará-lo com antecedência, ainda que nos primeiros momentos não possamos gastar muito tempo em seu preparo. A idéia é de conservar as suas idéias em nossa mente e coração; dormir e acordar, tomar café, trabalhar, almoçar e jantar; e, nesta rotina cotidiana, deixar com que novas idéias fluam, apareçam... E como prática: tudo anotar; não deixar escapar nada. As idéias vão aflorando, muitas vezes, enquanto conversamos sobre o que estamos estudando, lendo um jornal, revista, andando de ônibus, dirigindo, enfim; vivendo o nosso dia a dia.

Neste processo, vamos lendo várias vezes o texto bíblico e anotando tudo que nos ocorrer, as conclusões que chegarmos, as dúvidas, as perguntas, as conexões com outras passagens bíblicas... O que precisamos ter em mente é, que ainda que aconteça algumas vezes, nem sempre o sermão nos chega com tanta clareza de modo imediato. Muitas vezes e, diria mais, na maioria das vezes, ele nos chega depois de amplo estudo, reflexão e oração.

Mas, afinal, alguém pode estar pensando: quanto tempo precisaríamos para fazer tudo isso? Às vezes meses ou anos.... No entanto, a questão está ligada à tentativa de se estabelecer um método de elaboração – que por sinal não será adequado todas as vezes. Mas, o que podemos fazer, por exemplo, se pregamos dominicalmente? Bem, um princípio que pode ser útil, é começar a preparar o sermão no domingo anterior à noite, quando voltamos da igreja. Façamos o seguinte: Tentemos nos deter em um texto e comecemos a lê-lo e anotar algumas possíveis idéias.... Na segunda feira retornemos ao texto e, então, já poderemos perceber a evolução do que percebemos no dia anterior. Fiquemos alguns dias apenas com a leitura do texto e anotações de idéias que nos surjam e de outros textos bíblicos que recordemos. Deixemos que o Espírito nos fale através de uma espécie de maturação inconsciente: afinal os textos foram lidos e as idéias estão em nossas mentes. Depois de uns três dias, quem sabe, recorramos, obviamente sempre na dependência de Deus, aos comentários, dicionários, traduções, etc. Estes homens também foram usados por Deus na compreensão da Sua Palavra; não tentemos ser independentes pelo simples prazer de lê-lo. Usemos de outros recursos que

Deus tem-nos fornecido. Acredito que este pode ser um bom método para começarmos em nossa jornada de pregadores da Palavra.

Em princípio, quanto mais tempo passarmos com o sermão, mais ele nos falará e, também, à igreja. É impossível transmitir com clareza um sermão que ainda esteja confuso em nossas mentes.

6- O TEXTO DO SERMÃO

6.1. A necessidade de um texto bíblico

Todo sermão deve ser baseado num texto bíblico e devemos nos fundamentar nele. A autoridade da pregação é derivada da Palavra e fomos chamados a pregar a Palavra. Deus opera através da Sua Palavra. A pregação é, em última instância, a repetição das Escrituras. A pregação tem que ser exclusivamente bíblica.

6.2. Critérios para a escolha do texto bíblico

Sempre que um texto fizer arder o coração de um homem, pode usá-lo para incendiar outros corações.

6.2.1. Aproveite as datas comemorativas e o calendário cristão – Conforme estas datas, procure um texto que traga uma mensagem sugestiva para aquela ocasião. No entanto, devemos estar atentos ao fato de que este critério não deve nos tornar cativos nos impedindo de pregar sobre outros assuntos não atinentes às referidas datas. Portanto, aqui temos uma sugestão, não uma obrigatoriedade.

6.2.2. Seja sensível aos problemas atuais – Acidentes, episódios que despertam a atenção pública: livro muito divulgado, “pacotes” econômicos, desemprego, olimpíadas, copa do mundo, acidente trágico, falecimento de um personagem famoso, grande descoberta. Além disso, costuma prender a atenção do ouvinte quando o pregador cita um fato do momento e, apresenta uma perspectiva bíblica do assunto ou, ilustra a sua mensagem. Este recurso, muitas vezes, torna a mensagem mais inteligível e interessante a muitos ouvintes.

6.2.3. Use sempre texto da Bíblia – Isto exclui o uso dos livros apócrifos, hinos ou mesmo bons livros evangélicos, por mais edificantes que sejam. Lembremo-nos que podemos e devemos nos valer de hinos, boa literatura, poesia, ficção, romance, história, etc. No entanto, o sermão parte sempre e invariavelmente das Escrituras. Durante o estudo pessoal ou assunto devocional, textos procurados para servir de base a assuntos previamente escolhidos.

6.2.4. Deve expressar a Palavra de Deus – Toda a Escritura é inspirada por Deus, mas nem tudo o que está na Bíblia expressa a Palavra de Deus. Na Bíblia nós encontramos palavra de homens ímpios e mesmo de Satanás; estes textos isolados não podem servir de base para a nossa prédica.

6.2.5. Dê preferência a textos positivos – Ao invés de chamarmos a atenção para o negativo, devemos apresentar a relevância da fidelidade, obediência, confiança, etc. Aprendemos mais eficazmente quando meditamos sobre a forma correta de fazer. Todavia, cabe de quando em quando uma variação.

6.2.6. Use preferencialmente um só texto em cada sermão – É preferível usar um único texto do que mais; no entanto, poderá haver casos em que a leitura de dois ou mais textos se fazem necessários para estabelecer um contraste, evidenciar uma aparente contradição, demonstrar o princípio expresso no outro texto, etc. Neste caso não tenha dúvida, leia todos.

6.2.7. Use um texto que tenha um sentido claro – Textos complicados, que apresentam uma série de controvérsias quanto à sua interpretação devem ser evitados – exemplo de I Pedro 3:19. O sermão visa edificar, transformar, esclarecer e consolar. Se a nossa pregação trazer mais confusão na mente dos nossos ouvintes, qual o seu benefício? Todavia há exceções. Se o pregador fica satisfeito por poder explicar um texto obscuro e mostrar que ele ensina uma verdade de valor, deve escolhê-lo. Note-se, porém, que enfatizamos a necessidade de torná-la bastante instrutiva e útil.

6.2.8. Não evite um texto pelo simples fato dele ser muito conhecido – O fato de um texto ser muito conhecido revela a sua profundidade e beleza. É no uso adequado dos textos mais conhecidos que identificamos os grandes pregadores; pela forma de abordá-los sem cair num lugar comum. Um caminho significativo para lidar com esses textos, e não ficar apenas repetindo coisas já ditas e repetidas, é fazer perguntas ao texto que talvez não sejam tão óbvias. A arte de fazer pergunta pode ser um caminho eficiente para encontrarmos no texto respostas que ali estavam, ainda que de modo não tão evidente.

6.2.9. Evite textos muito extensos ou muito curtos – O texto muito extenso pode fazer com que não o exponhamos com clareza dentro do tempo de que dispomos; tomar um texto pequeno, isolado de seu contexto, pode ser uma tentação a simplesmente exercitar a nossa eloquência e não expor a Palavra de Deus. De qualquer forma, pequeno ou grande, o texto deve ser primeiramente entendido dentro do seu contexto próximo e remoto.

6.2.10. Evite alegorias na interpretação do texto – Como temos insistido, a pregação é a repetição da Palavra de Deus à esta comunidade. Portanto, como fiéis pregadores, não podemos alegorizar o texto, dando asas à nossa imaginação, dizendo o que o texto não nos autoriza. O limite das analogias está limitado pelo próprio uso bíblico. Não tentemos

ultrapassar as fronteiras dispostas no texto. Quando tomamos uma figura bíblica e começamos a divagar sobre ela através de detalhes não autorizados pela Escritura, corremos o sério risco de fazer um estudo de botânica, zoologia ou mesmo medicina e não um estudo da Palavra. Sabemos que é extremamente tentador tomar a figura da ovelha, da águia, da rocha, do cavalo, dos números, etc., e começarmos a esmiuçar o exemplo em busca de aplicações que são estranhas à Palavra.... Resistamos a essa tentação se quisermos ser fiéis expositores da Palavra. As aplicações feitas pelos escritores bíblicos foram inspiradas; nós não somos; limitemo-nos ao emprego feito na Bíblia.

6.2.11. Não abandone o texto simplesmente porque encontrou dificuldades – Nem todo sermão aparece de forma tão imediata como gostaríamos. Muitas vezes ele exige grande trabalho até que tenhamos diante de nós as idéias que pretendemos desenvolver. No entanto, é preciso que tenhamos cautela para que ao sinal das primeiras dificuldades na interpretação do texto, o deixemos de lado e saíamos a procura de outro. Quando assim procedemos, estamos criando um hábito que poderá ser-nos extremamente prejudicial, visto que criaremos em nossa prática um círculo vicioso de acomodação, buscando sempre um caminho que nos pareça mais fácil. O que fazer então? O texto está difícil? Há dificuldade na sua tradução e interpretação? Continuemos a lê-lo; analisemos o seu contexto, busquemos ajuda em comentários bíblicos, examinemos outras traduções etc. Contudo, sem dúvida, é possível que depois de tudo isso ainda não fiquemos satisfeitos com as conclusões, que não tenhamos assimilado satisfatoriamente o assunto. Bem, nesse caso, podemos deixar o texto de lado momentaneamente, para voltarmos a ele, quem sabe, na semana seguinte ou no próximo mês. Aqui, devemos evitar dois extremos: o primeiro é o de fugir das dificuldades textuais; o segundo é o de pregar um sermão do qual ainda não estamos persuadidos, pelo simples fato de não termos a paciência e prudência de deixar que o texto amadureça em nossas mentes. Neste caso, podemos perder uma grande ocasião de apresentar uma mensagem consistente e grandemente edificante a nós e à igreja.

6.2.12. Não faça um tratado teológico a partir do texto – Há uma tentação por demais perigosa, de querermos dizer tudo o que as Escrituras nos ensinam de um assunto a partir de um texto. A pretensão de esgotar o assunto em um sermão – além de ser impossível e de pouco proveito para os ouvintes –, ocasiona, via de regra, o precoce esgotamento do material pesquisado. Em breve não saberíamos mais o que pregar; tenderíamos a ficar repetindo coisas que foram ditas em momentos nos quais aquelas idéias não eram fundamentais. O caminho a ser seguido, é o de explorar o que o texto nos diz sobre aquele

assunto e, ilustrá-lo com outras passagens bíblicas, demonstrando que aquela verdade expressa na passagem pode ser vista em outras partes das Escrituras. Se for o caso, em outra ocasião poderemos voltar a falar sobre aquele tema, partindo de outro texto que nos ensine outros aspectos daquela doutrina bíblica.

7- O SERMÃO

7.1. Classificação dos sermões

No que concerne à relação da estrutura do sermão com o texto, o sermão pode ser classificado de Temático, Textual e Expositivo.

7.1.1. Sermão temático ou tópico – O tema é extraído de um texto e as divisões de outros. Assim, a sua idéia central é decorrente do texto lido; no entanto, a argumentação é buscada em outros textos bíblicos.

7.1.1.1. Vantagens do sermão tópico ou temático

- 1- Possibilita o aperfeiçoamento da retórica. É o sermão típico dos grandes oradores;
- 2- É fácil de elaborar, porque a unidade é construída conforme o desejo do pregador;
- 3- Agrada a muitos ouvintes “preguiçosos mentais”, porque não exige reflexão;
- 4- Possibilita que se esgote o assunto ou que se o encerre de modo completo;
- 5- Permite a discussão de qualquer assunto, pois as idéias vêm de fora do texto.

7.1.1.2. Perigos no uso do sermão tópico ou temático

- 1- Negligenciar a exegese da palavra de Deus não a aplicando;
- 2- Atrair a atenção para o pregador. É a inteligência, argumentação e oratória dele que funciona;
- 3- Pode levar a alegorização.

7.1.1.3. Cuidados na confecção do sermão temático ou tópico

- 1- O tema deve ser claro, específico e expressivo, pois tudo dependerá dele;
- 2- Os argumentos devem vir em ordem progressiva. Inverta as divisões I e III do exemplo 1 e veja o que acontece;

- 3- Esquematize as divisões em uma das seguintes maneiras: explanação, prova, argumentação, aplicação. Esta é a melhor progressão.

7.1.2. Sermão textual – É aquele cuja estrutura corresponde à ordem das partes do texto. O tema e as divisões estão no texto ou são derivados dele. Neste caso o texto utilizado é pequeno, não devendo ultrapassar quatro versículos. Aqui, o texto é que controla todos os pontos a serem tratados no sermão.

7.1.3. Sermão expositivo – É aquele em que tema e as divisões são extraídos de um texto que tenha mais de quatro versículos. Basicamente o que o distingue do sermão textual é a extensão do texto bíblico utilizado. Este tipo de sermão padece de muita confusão. Alguns pregadores pensam que pregar expositivamente significa comentar todo o texto lido, como se estivesse fazendo um comentário bíblico, catalogando fatos, versículo após versículo. Certamente, um sermão é mais do que apenas esclarecer palavras e versos. Todo sermão deve ter um elemento agregador, que é o tema, o qual deve ser extraído do texto e, a partir daí as palavras e versos, ganham relevância a partir da conexão com o assunto tratado. Os elementos do texto devem ser agrupados a partir do tema, formando uma mensagem, um quadro único e objetivo. Insisto: um sermão não é um comentário bíblico, por mais exegético e edificante que este possa ser.

Deve ser enfatizado também, que a pregação expositiva não consiste simplesmente num exame de um texto isolando-o da Escritura. Lembremo-nos sempre que toda a Escritura é inspirada por Deus, sendo ela toda a verdade revelada de Deus para nós, em todas as épocas e contextos. Portanto, a pregação expositiva, como toda pregação genuinamente bíblica, deve estar sintonizada com todas as partes das Escrituras, formando um todo harmônico, procedente de Deus para o Seu povo.

Este método foi usado pelos apóstolos que, baseando-se no Antigo Testamento interpretavam o texto e aplicavam às necessidades de seus ouvintes. Historicamente este foi o método preferencialmente usado pela maioria dos Pais da Igreja e pelos Reformadores. Calvino, de modo especial, tinha o costume de expor cada livro da Bíblia desde o seu início até o final. Quase todos os ministros, que tenham tentado o método expositivo durante alguns anos, acabam por acreditar nele de todo o coração. Esse método é eficaz! Tenta-o!

7.1.3.1. Suas limitações

- 1- É difícil manter a unidade e a concatenação das idéias.

- 2- Os assuntos não são tratados de um modo lógico e completo.

7.1.3.2. Suas vantagens

- 1- Foi o método dos tempos apostólicos.
- 2- Exige estudo sério da palavra de Deus (é bênção para o pregador e é bênção para a igreja – é a melhor maneira de edificar a igreja).
- 3- Obriga-se a tratar de assuntos que de outra forma ficariam esquecidos.
- 4- Presta-se a uma série de sermões bíblicos. Aplica-se uma série de passagens doutrinárias, devocionais, evangélicas, parábolas, milagres, incidentes históricos e séries de sermões.

7.1.3.3. Suas exigências

- 1- É necessário determinar o texto. O texto precede o sermão. Diferença de um sermão temático e um expositivo, neste sentido.
- 2- É necessário a exegese do texto. Dá mais trabalho.
- 3- É preciso descobrir o assunto principal ou a lição principal.
- 4- As divisões devem se relacionar com o tema principal
- 5- Deve-se evitar a multiplicação de minúcias, de detalhes desnecessários
- 6- Não gastar tempo demasiado explicando pontos difíceis
- 7- Não multiplicar a citação de passagens paralelas.

7.2. Partes constitutivas do sermão

7.2.1. Introdução

A introdução é a porta de ingresso ao assunto que o pregador vai tratar.

7.2.1.1. Objetivos da introdução – A introdução visa despertar a atenção, o interesse e a simpatia.

- 1- **Atenção:** A atenção significa a direção ou a concentração da mente num objeto. As primeiras palavras são fundamentais.
- 2- **Interesse:** O interesse alimenta a atenção. A introdução está voltada para prender a atenção do auditório através da apresentação da relevância do assunto; algo que se mostre digno de ser ouvido.

- 3- **Simpatia:** Como o sermão é proferido através de uma personalidade, é relevante conquistar a simpatia do auditório na introdução. Qualquer afetamento ou atitude pretenciosa, além de inadequado, poderá criar um clima de antipatia por parte dos ouvintes, o que o impedirá de ouvir o sermão.

7.2.1.2. Tipos de introdução

- 6- **Direta:** É aquela cujo conteúdo está relacionado diretamente com o assunto do sermão.
- 7- **Indireta:** É aquela cujo conteúdo tem apenas uma relação indireta com o assunto do sermão.
- 8- **Abrupta:** É aquela em que o pregador passa diretamente a tratar do assunto escolhido.

7.2.1.3. Requisitos da introdução

- 1- **Dever ser pertinente:** A introdução deve estar ligada ao assunto. Devemos evitar aquelas introduções que são usadas para todo e qualquer sermão, mediante um simples toque.
- 2- **Deve ter uma idéia dominante:** A introdução conduz diretamente ao tema; ela é a porta de entrada ao assunto.
- 3- **Deve ser breve:** Uma introdução muito longa pode criar na congregação um desalento pelo fato do pregador não entrar logo no assunto. Como alguém já disse: Podemos passar tanto tempo colocando a mesa, que deixemos a impressão de que não haverá jantar. A porta de entrada não pode ser maior do que a casa; além disso, não devemos nos descuidar da proporcionalidade.
- 4- **Deve ser elaborada com atenção:** Por ser a porta de entrada, é fundamental a atenção em sua elaboração e transmissão. Introduções descuidadas podem já, de início, distrair o ouvinte; portanto, muito cuidado ao elaborá-la. Por outro lado, na introdução não devemos prometer mais do que podemos ou vamos oferecer. De nada adiantaria uma introdução belíssima, com toques de requintes literários e poéticos se, na realidade, o sermão é pobre e desprovido desses recursos.

- 5- **Deve ser proferida com simplicidade:** Qualquer palavra que o pregador use que gere no auditório a idéia de que está querendo se exaltar, ou mesmo, que ele manifesta tal comportamento através de uma humildade forjada, tem um efeito negativo. Por isso, a introdução deve ser proferida de forma simples; contudo, com um conteúdo relevante.
- 6- **Deve ser proferida com calma:** É natural que o pregador chegue diante do seu auditório ansioso por transmitir a mensagem que lhe custou tantos esforços e que está sendo tão relevante para a sua vida. Todavia, este entusiasmo ainda não é o do auditório; ele terá que ser contagiado por esta verdade que o pregador quer transmitir; no entanto isto obedece um processo lógico: identificação da verdade e depois praticá-la. O que quero dizer é que na introdução do sermão, a congregação por certo já tem idéia do que você vai falar, visto que as leituras, hinos e orações foram dirigidos para aquele ponto, contudo não partilham do seu conhecimento do assunto e conseqüentemente da sua emoção; por isso, a introdução deve ser proferida com calma – não com indolência –, dosando o ritmo da apresentação, conduzindo o auditório degrau após degrau até que tornemos comum a todos o mesmo sentimento.

7.2.2. A narração ou explicação

A narração tem como propósito tornar mais claro o texto lido, evidenciando deste modo a procedência da sua mensagem. A narração depende de um estudo criterioso do texto e do contexto, de uma boa exegese, bons dicionários bíblicos e comentários.

7.2.2.1. Tipos de narração – Considerando que a narração visa tornar mais claro o texto lido no que concerne às expressões empregadas, contexto histórico do destinatário e remetente, podemos classificar a narração da seguinte forma:

- 1- **Explicação de termos:** É aquela que consiste na explicação de palavras que apresentem, à primeira vista, um sentido obscuro, ambíguo ou, que tenham um sentido bíblico peculiar, bem diferente do de hoje, como por exemplo, as expressões: “marcas” (Gálatas 6:17); “cruz” (Gálatas 6:14); “mundo” (João 3:16; I João 2:15); “Babilônia” (I Pedro 5:13), etc. É sempre bom lembrar que neste processo a pregação não deverá se deter na exposição do processo de exegese que o permitiu chegar a determinada

explicação; antes, deve ser o mais objetivo possível para que não disperse a atenção dos ouvintes. Apresentamos a mesa posta, não as panelas que serviram para a elaboração do jantar.

- 2- **Exposição do contexto histórico:** Consiste em esclarecer a ocasião e as circunstâncias em que o texto lido foi escrito ou, a relação da mensagem proferida com a situação dos destinatários.
- 3- **Paráfrase:** Consiste em recontar o texto lido através de uma paráfrase, que facilite a maior apreensão do assunto.

É necessário lembrar que nenhum destes tipos é estanque; eles podem ser usados em conjunto; aliás, se alguém for fazer uma paráfrase do texto, dificilmente não terá de explicar o contexto histórico e explicar palavras obscuras e ambíguas.

7.2.2.2. O que deve ser evitado

- 1- **Ser muito extenso:** A narração é apenas uma parte do sermão, por isso se nos demormos demasiadamente aqui cansaremos o auditório para a mensagem propriamente dita.
- 2- **Ser muito detalhada:** Basta que usemos apenas o que for essencial à explicação do assunto que vamos tratar; a narração deve sempre estar subordinada ao objetivo do sermão. Há pregadores que gastam muito tempo aqui, justamente por quererem usar todo o material que leram, sem fazer uma seleção do que é relevante para este sermão. Se gastarmos todo o material agora, amanhã se formos pregar outro sermão no mesmo texto, teremos de repetir tudo de novo, visto não entendermos bem o que de fato era relevante para esta e aquela mensagem.

Aqui temos que ter cuidado para não explorar excessivamente este material, pretendendo dizer tudo que lemos a respeito do assunto. É necessária habilidade para selecionar do que foi aprendido a respeito do tema, e, utilizar apenas o que for relevante para o presente sermão. Não precisamos dizer tudo a respeito do contexto de uma Epístola, por exemplo, só porque lemos muito a respeito do assunto e nos empolgamos com a variedade de detalhes. Saibamos usar bem o material de que dispomos. O resto, ainda que de extrema

importância e curiosidade, poderá servir em outra ocasião, noutra sermão ou estudo, em que aquele material acumulado possa ser fundamental para melhor entender o texto analisado.

- 3- **Ser muito enfático:** Na narração não se está defendendo nenhuma tese especial; apenas contando o fato e o significado do fato; daí que a excessiva veemência poderá ocasionar um desgaste desnecessário das energias, sendo que ainda estamos introduzindo o sermão.

7.2.3. Tema ou proposição

7.2.3.1. Definição de tema – O tema ou proposição é o assunto sobre o qual você vai falar ou a tese que vai ser defendida.

7.2.3.2. Diferença entre título e tema – Todo sermão deve ter um título e um tema: O **título** indica o assunto; o **tema** é a proposição que vai ser tratada ou demonstrada. O **título**, via de regra é mais geral do que o **tema**, visto que este procura esclarecer o que vai ser demonstrado. O título pode ser uma forma de chamariz; o tema é de fato o assunto a ser tratado.

7.2.3.3. Valor do tema

- 1- **Unidade:** O tema é que dá unidade ao sermão; por isso, é necessário que o tema envolva e englobe as divisões. Uma proposição malfeita acarreta uma desorganização no sermão.
- 2- **Ponto:** O tema é o ponto de referência que determina a matéria a ser selecionada.
- 3- **Estabelece uma meta:** O tema oferece uma rota sobre a qual o pregador percorrerá, mantendo desperto o auditório para segui-la em companhia do pregador; daí a importância de se dar o destaque necessário ao tema para que os ouvintes saibam sobre o que o pregador vai falar.
- 4- **Facilita a compreensão:** O tema possibilita uma maior assimilação e retenção da mensagem proclamada.

7.2.3.4. Forma

- 1- **Fidelidade textual:** A proposição deve ser elaborada de tal forma que seja inevitável. O tema deve ser algo que decorra do texto com muita clareza;

não deve ser algo forçado. Lembremo-nos de que o tema é o assunto sobre o qual vamos falar.

- 2- **Clareza:** Além da fidelidade ao texto lido, o tema deve ser claro, exato e breve. Estou convicto de que nenhum sermão está pronto para ser pregado, nem pronto para ser publicado, enquanto não nos for possível expressar o seu tema numa breve e fecunda sentença, tão clara como cristal.
- 3- **Uma idéia principal:** Se a proposição tiver mais de uma idéia principal, ela não dará unidade ao sermão, antes destrói a sua unidade estrutural.
- 4- **Ser preferencialmente afirmativo:** O tema deve ressaltar, de preferência, o que é positivo; uma verdade que desejamos ensinar. No entanto, em alguns casos, podemos constituir-lo a partir de uma interrogação ou negação. Outra possibilidade, é tomar parte do texto lido como tema, tais como: *“Eis que estou convosco todos os dias...”*, *“Eles não são do mundo...”*, *“Fica conosco...”*.

7.2.3.5. O que evitar

- 1- **O tema não deve ter um número excessivo de palavras:** O tema deve facilitar a memorização do assunto tratado no sermão; se ele for muito extenso, dificultará a sua assimilação.
- 2- **O menor número de palavras não deve servir de desculpa para um tema demasiadamente abrangente:** O tema não deve prometer mais do que podemos dar. Um sermão que tenha como tema: *“graça”*, *“pecado”* ou *“amor”* é excessivamente geral para que possamos analisá-lo num sermão. Agora, se falamos de: *“A graça redentiva de Deus”*, *“O amor perdoador”*, *“As conseqüências do pecado”*, estaremos delimitando o nosso tempo, tendo condições de expô-lo satisfatoriamente. Resumindo: Um tema não deve ter um alcance exagerado, senão estaremos correndo o risco de prometer o que não podemos nem pretendemos dar.

7.2.4. Argumentação

Esta é a parte que constitui o corpo do sermão, na qual vamos tratar do tema enunciado. Analisemos os preceitos da argumentação.

7.2.4.1. Preceitos quanto à matéria

- 1- **Biblicidade:** Os argumentos devem ser extraídos da Bíblia, daí a necessidade de selecionar os textos bíblicos visto que a qualidade é mais importante que a quantidade.
- 2- **Brevidade:** Os argumentos devem ser expostos de tal forma que demonstre aquilo que o tema se propõe a fazer; por certo há outros elementos importantes naqueles argumentos, todavia se isto não for essencial ao objetivo do sermão, poderá ser guardado para outra ocasião. Outro aspecto a ser destacado aqui, é que a demora excessiva num determinado ponto, tende a cansar o auditório, prejudicando a sua apreensão.
- 3- **Conclusivo:** Os argumentos devem ser elaborados de tal forma, que apresente o assunto de forma conclusiva, não cabendo resposta ao que foi apresentado.
- 4- **Instrutivo:** Os argumentos devem ser instrutivos. O argumento profilático é de suma importância para que haja uma assimilação natural e uma rejeição ao erro. A forma agressiva e polêmica tende a estabelecer um clima de defensivo e de resistência ao ensino, dificultando a apreensão da verdade. Parece-nos que a melhor forma de ensinar é mostrar enfaticamente o correto.

7.2.4.2. Preceitos quanto à forma

As divisões devem estar claras em nossa mente, se não, é melhor deixar este sermão para depois, retomá-lo em outra ocasião.

- 1- **Os argumentos devem ser reduzidos em número:** Usualmente três; entretanto, não há nada que obrigue a ser assim.
- 2- **Devem ser distintas:** Cada uma precisa ser realmente um novo argumento e não apenas a repetição sob uma forma diferente.
- 3- **Devem ser naturais:** Os argumentos ou divisões devem estar claramente no texto escolhido; devem derivar-se naturalmente. Nunca forcemos uma divisão. E nem se adicione alguma divisão meramente tendo em vista completar o conceito que tivermos em mente, ou a fim de nos conformarmos à prática usual. As divisões devem ser naturais, e aparentemente inevitáveis.

- 4- **Devem ser coordenadas:** Além de relacionada com a proposição, precisam estar relacionadas entre si.
- 5- **Devem ser germinantes:** Convém que uma conduza facilmente a outra, como acontece com as partes de um telescópio.
- 6- **Devem ser completas:** Isto se consegue mediante uma demonstração cabal, ou uma análise satisfatória do assunto.

7.2.5. Conclusão

A conclusão é a parte final do sermão que inclui o objetivo proposto; é aqui que o pregador conduz o ouvinte a fazer a vontade do Senhor; portanto o pregador quando prepara o seu sermão deve saber aonde quer chegar.

A conclusão é de grande importância. Põe abaixo ou salva o sermão. É onde se chega a uma decisão. Muitas vezes o auditório vê o sermão se esfumando no fim. Não deve ser um amontoado de frases, mas o clímax do sermão. O ponto alto.

7.2.5.1. Espécies

- 1- **Apelo direto:** O orador dirige-se individualmente aos ouvintes.
- 2- **Aplicação prática:** O pregador aplica a verdade pregada, sem se dirigir a nenhum ouvinte em particular. Em todo caso a última parte do sermão tem que responder à pergunta que o ouvinte fará no seu íntimo: “*À luz desta mensagem, que quer o Senhor que eu faça?* ”. Exemplo de aplicação prática: Mateus 7:24-27.
- 3- **Recapitulação:** O pregador recapitula o que disse, fazendo um sumário: Portanto, se um sermão necessitar de recapitulação façamo-la, mas seguida de algo que leve o ouvinte à ação. Nunca se deve terminar com um sumário recapitulativo.
- 4- **Verdade em contraste:** Apresentar o aspecto positivo que a Palavra de Deus nos ensina. Se a mensagem falou da tragédia de Caim e da sua maneira de ver a vida, em termos da nossa própria época, a parte final pode mostrar o contraste entre o espírito de Caim e a cruz de Cristo.

- 5- **Implicações conclusivas:** Esta é um misto no qual se recapitula parte do que foi falado, destacando algumas aplicações práticas, desafiando o ouvinte a uma postura diante do que foi tratado.

7.2.5.2. Preceitos

- 1- **A conclusão deve ser natural e apropriada:** A conclusão deve estar de acordo com o que dissemos no sermão; ela deve seguir natural e logicamente o que dissemos. A conclusão é o “acabamento” do sermão, por isso, cuidado para não estragarmos o conteúdo devido a uma conclusão inapropriada: Exemplo: Colocar azulejo na sala; banheiro na cozinha...
- 2- **Ser breve:** Assim como na introdução. Na conclusão a brevidade é importante. Há pregadores que não sabem concluir e equivalem a um cachorro que antes de deitar dá várias voltas. A conclusão longa pode criar um sentimento de mal-estar, dando a impressão que o pregador não sabe concluir o que começou.
- 3- **Geralmente acentuar o positivo:** Você poderá pregar sobre o salário do pecado; as conseqüências da desobediência, etc. Entretanto, a conclusão deve ser geralmente positiva, abrindo a janela da esperança em Cristo. No entanto, há exceções; em especial, quando o pregador quer levar o auditório a condenar com ele o pecado deles todos.
- 4- **Deve ser viva e enérgica:** É preciso que haja uma dosagem de energia no decorrer do sermão para que possamos chegar ao final com uma bandeira, não um lenço ensopado. Se o pregador quer mesmo que o sermão tenha efeito vitalizante e eficaz, precisa terminá-lo de maneira forte e incisiva (veja Josué 24:14-16; Mateus 7:24-27).
- 5- **Não peça desculpas:** Evite pedir desculpas. Você prega como arauto de Deus consciente do que vai falar ao povo de Deus. Uma desculpa, às vezes causa má impressão.
- 6- **Evite anedotas:** O pregador não está no púlpito para distrair ou divertir; ele está apresentando a mensagem redentora de Deus aos homens. Ainda que seja cabível uma história com alguma graça no início ou mesmo no decorrer do sermão, na conclusão esta prática torna-se inadequada.

- 7- **Evite acrescentar algo novo impulsivamente:** Se o pregador se preparou em espírito de oração, deve seguir o plano que elaborou. O improvisado pode ser uma armadilha destruidora de tudo aquilo que construímos durante o sermão.
- 8- **Nada faça que distraia o auditório:** Deve centralizar a atenção, não distrair: Folhear a Bíblia, pegar o hinário, olhar o hinário...
- 9- **Não use a mesma espécie de conclusão todos os domingos:** Só porque gostamos de um tipo de conclusão, não quer dizer que devemos usá-la domingo após domingo.

7.2.5.3. Cuidados a tomar

- 1- Prepare-se, não negligencie. Esboço visto! A conclusão não deve ser baseada “no que vier na hora”. Pode se esperar algo do pregador preguiçoso?
- 2- Evite a pobreza mental e fuja do medo de levar os ouvintes à decisão.
- 3- Evite a “conclusão de afogado”: “batendo no ar”, para todos os lados.
- 4- O tempo: Não mais de 10% do sermão.
- 5- Não acrescente matérias novas, idéias diferentes.
- 6- Não peça desculpas. É ruim no início e pior no fim.
- 7- Não conte piadas. É o momento mais sério do sermão.
- 8- Cuidado com gestos que distraem: olhar o relógio, fechar a Bíblia, recolher o esboço, falar enquanto folheia o hinário, buscar um hino a ser cantado, etc.
- 9- Varie as conclusões, evite monotonia.

7.3. Razões para escrever o manuscrito dos sermões

É discutido em círculos de pregação se o pregador deve ou não escrever o manuscrito de seus sermões. Embora seja verdade que alguns dos grandes pregadores ao longo da história da igreja – como Charles Spurgeon e Martyn Lloyd-Jones – não usavam e até desencorajavam o uso do manuscrito, há pelo menos quatro razões pelas quais se deve considerar manuscrito o sermão como parte de sua preparação.

7.3.1. Escrever um manuscrito encurta o seu tempo de preparação.

Em vez de alongar o tempo de preparação, escrever um manuscrito pode, na verdade, encurtá-lo. Quando você estiver estudando e se deparar com algo que seja bom para o seu sermão, apenas escreva, e aí está. Então, ao construir o seu sermão, você pode simplesmente acoplar todas as suas melhores notas e não precisa voltar para encontrar ou tentar lembrar-se de alguma coisa que estudou.

7.3.2. Escrever um manuscrito ajuda a encontrar as palavras certas.

Mark Twain certa vez disse: “A diferença entre a palavra certa e a palavra quase certa é a diferença entre um relâmpago e um vagalume”. E se John Owen houvesse dito: “Abandone a sua vida de pecado, porque é importante para o crescimento cristão”, em vez de: “Mate o pecado, ou o pecado matará você”? Ambas as sentenças comunicam a mesma verdade, mas a segunda é dita de modo tão apropriado que deixa uma impressão duradoura no coração. É importante usar as palavras certas. Escrever um manuscrito ajuda o pregador a não apenas dizer coisas verdadeiras, mas a dizer coisas verdadeiras de forma apropriada.

7.3.3. Escrever um manuscrito é útil para que o sermão seja harmonioso.

Uma das marcas da grande pregação é que ela é harmoniosa. Um bom pregador tem muitos pontos altos que chamam a atenção dos ouvintes e os inspiram. Um grande pregador, porém, é capaz de capturar a atenção do ouvinte e segurá-la durante toda a duração do sermão, conduzindo-o suavemente de um ponto para o seguinte. É difícil fazer isso sem escrever um manuscrito.

Um manuscrito ajuda o pregador nas transições, uma vez que permite claramente equilibrar o tempo para cada ponto; um manuscrito também ajuda a explicar passagens ou verdades difíceis com clareza. Isso ajuda o pregador a ver o seu sermão como uma unidade antes de pregá-lo, permitindo-lhe assim editar o seu sermão fácil e decisivamente. Com efeito, apenas quando olhamos para o produto final é que conseguimos de fato ver os pontos que não se encaixam ou que podemos retirar da mensagem como um todo. A pregação é um chamado sublime de Deus, então, o pregador deve fazer todo o possível para apresentar o melhor argumento, o mais harmonioso e o mais cheio do Espírito, perante homens moribundos cuja única esperança é que suas almas sejam vivificadas em Cristo.

7.3.4. Escrever um manuscrito é útil para manter o registro de sermões ministrados.

Escrever manuscritos serve como imenso auxílio ao escrever outros sermões ou quando é necessário se preparar para pregar fora da própria igreja local. Ter um registro dos sermões também ajuda no ministério pastoral. Se alguém pedir aconselhamento a respeito de algo que já ministrado; é possível disponibilizar ao aconselhando o manuscrito do sermão. Isso o torna uma ferramenta pastoral poderosa.

7.3.5. Observação importante.

Há muitas outras razões pelas quais se deve fazer manuscritos de sermões. Eles ajudam a manter o pregador dentro do tempo. Se o pregador ministra em cultos múltiplos, os manuscritos garantem que as duas congregações recebam o mesmo ensino. Além disso, os manuscritos ajudam o pregador a evitar o uso das mesmas ilustrações.

Porém, o pregador deve sempre estar livre e o manuscrito nunca deve prendê-lo. Se um pregador não consegue evitar ler o manuscrito, talvez ele deva escrever o sermão e depois, separadamente, escrever um esboço para levar ao púlpito. Embora o manuscrito seja uma das melhores ferramentas na preparação para o sermão, ele pode ser uma ferramenta perigosa na entrega do sermão. Você é o pregador, não o manuscrito. É você quem entrega o sermão, não o manuscrito. O manuscrito é uma grande ferramenta, mas Deus unge o homem para pregar, não o manuscrito.

8- BONS HÁBITOS NA PREGAÇÃO

A pregação não é apenas o sermão: é também o pregador. Alguns maus hábitos podem comprometer o sermão. O pregador deve tomar cuidado para evitar tais costumes e maneirismo.

- 1- Postura ereta. Não se deite sobre o púlpito nem se acorcunde.
- 2- Cuidado com a aparência: O uso de óculos escuros em recinto fechado e à noite, é triste. O pregador descabelado, com barba por fazer, colarinho virado, sapatos enlameados, meia verde?
- 3- Cultive o idioma: A pregação é comunicação oral. Conheça pelo menos o seu idioma. É sua ferramenta.
- 4- Cuidado com regionalismo: “Botão, mucidade, cruís de Jesus, dolze, irrael, etc” etc.
- 5- Use seu próprio estilo: Seja você mesmo. Não copie. O uniforme de Saul não coube em Davi.
- 6- Fale toda a palavra: Não engula os “r” e os “s” não engula as sílabas finais. Evite as sujeições “eles tão” ao invés de “eles estão”.
- 7- Aprenda a ler: Pratique a pontuação correta, dê entonação, viva os diálogos do texto.
- 8- Fale às pessoas: Olhe para elas. Paredes, bancos, teto e chão não se convertem nem aprendem.
- 9- Fale com o corpo: Use expressão facial condizente. Evite a “cara de mau”. Use ambas as mãos. Não oscile o corpo para trás e para frente. Tão pouco se levante constantemente na ponta dos pés. Evite o dedo indicador apontando para o ouvinte.
- 10- Module a voz: Deve ser de acordo com o ambiente. Não é o grito. É a consistência e convicção.
- 11- Evite os vícios de linguagem: - “né”, “intão”, “é interessante notar”, “aí”, etc.
- 12- Evite chavões: Como acompanhar um sermão de 30 minutos com mais de 60 “aleluias” e “glórias a Deus?”.

9- CONSELHOS AOS PREGADORES

- 1- Descanse bem todas as noites e barbeie-se todas as manhãs.
- 2- Mantenha um coração puro e renove o colarinho limpo.
- 3- Em sua vida brilhe a luz do evangelho e em seus pés sempre brilhe os sapatos.
- 4- Não deixe passar oportunidades, mas mande passar seu terno.
- 5- O mar Cáspio fica bem entre a Europa e Ásia, mas a caspa fica mau na gola do seu paletó.
- 6- Seja pobre de espírito, mas não de vocabulário.
- 7- Procure a casa dos homens para que os homens procurem a casa de Deus.
- 8- contente-se com o que tem, mas não com o que é.
- 9- Perdoe as dívidas dos seus devedores, mas não se endivide e ganhe os seus credores.
- 10- Unhas esmaltadas podem ser criticadas, mas sujas são sempre apontadas.
- 11- Ir à frente é melhor do que empurrar para frente.
- 12- A consistência é mais forte do que a eloquência.
- 13- Busque a Deus antes, para estar vivo diante dos homens.

Sobre o Autor:

Hermisten Maia Pereira da Costa é pastor presbiteriano, teólogo calvinista e escritor. Ele coordena o Departamento de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo. Foi Diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie até fevereiro/2010. Tem cerca de 200 artigos publicados em diversos periódicos, 15 livros editados e centenas de textos que circulam, especialmente em seus cursos e conferências. Também leciona na Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo) e na Faculdade de Teologia do Centro Universitário de Maringá (Paraná).

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1993), graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1983), graduação em Teologia - Seminário Presbiteriano do Sul (1979), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1999) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2003). Professor titular do Centro Universitário de Maringá e Professor Adjunto II da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sendo Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Reforma Protestante, atuando principalmente nos seguintes temas: João Calvino, Reforma Protestante e Teologia Sistemática.